

Gêneros textuais: breve análise do processo de ensino-aprendizagem de alunos e professores do sexto ano do ensino fundamental de escola periférica, da cidade de São Paulo

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a abordagem que é dada aos gêneros textuais nas salas de aulas do sexto ano de duas escolas de ensino fundamental da periferia da cidade de São Paulo. A metodologia adotada parte da apresentação do ponto de vista de diversos autores, entre eles: Schneuwly; Dolz (2011), Geraldi (2003), Marcuschi (2003) e das bases curriculares descritas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Serão consideradas a pesquisabibliográfica e a de campo com o objetivo de indicar diretrizes metodológicas e didáticas para os professores. O trabalho realizou-se por meio da observação da práxis nas escolas, de como seus agentes têm lidado com a produção textual e, em especial, se há contribuição para a formação de um cidadão que domine a escrita e a leitura. A discussão aborda a importância da escrita com ênfase na reflexão sobre os problemas sociais e não simplesmente como fonte de créditos para a aprovação. A análise busca, ainda, contribuir com subsídios e instrumentos didáticos para facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais. Parâmetros curriculares nacionais (PCN). Processo de ensino-aprendizagem.

Eliene Ferreira Oliveira Sousa
eliene802010@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Edson Domingos Fagundes
edfagundespr@yahoo.com.br
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

O ensino de língua portuguesa como língua materna é um desafio no processo de ensino aprendizagem, é um dos fatores, se não o principal, que leva os alunos a engrossarem a estatística de fracasso escolar. Esta pesquisa decorre da necessidade e da importância da discussão de quais as abordagens e métodos são mais adequados para o ensino de gêneros textuais. Qual a importância da leitura e da escrita no sentido da formação social e cultural da criança? Além disso, esta pesquisa tem por objetivo investigar como estimular a leitura ou como os professores pesquisados estimulam a leitura e produção de textos em sala de aula. A ênfase a ser dada pelo docente recairá na discussão da metodologia a ser adotada, que deve ser aplicada para o desenvolvimento do trabalho com gêneros textuais em sala de aula.

O hábito da leitura é um processo que deve ser incentivado, ou melhor, deveria ser iniciado desde os primeiros anos de vida, dentro de casa, e em seguida aperfeiçoado na escola. Formar leitores não é tarefa fácil; compete à escola e à sociedade incentivar a prática de leitura como instrumento de libertação e de aprimoramento humano. Assim, conforme Cosson (2006):

É fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. (...) Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura. (COSSON, 2006, p.35)

Contudo, para Geraldi (2003), os temas abordados em sala de aula são repetitivos, não motivando devidamente os alunos:

[...] no início do ano, o título infalível “Minhas Férias”; em maio, “O dia das mães”; em junho, “São João”; em setembro “Minha Pátria”; e assim por diante... Tais temas, além de insípidos, são repetidos todos os anos, de tal modo que uma criança da sexta série passa a pensar que só se escreve sobre essas “coisas”. (GERALDI, 2003, p. 63)

Um trabalho eficaz de leitura deve abranger toda a diversidade textual que está presente em nosso meio social, favorecendo o contato e a vivência com eles também na escola. Nesse sentido, o trabalho do docente deve partir dessa diversidade textual para garantir que seu planejamento de trabalho contemple adequadamente as leituras, os suportes e os gêneros textuais, conforme a faixa etária dos seus alunos.

É preciso e recomendável que o docente traga para a sala de aula todo tipo de texto: literário, informativo, publicitário, dissertativo, coloque as diferentes linguagens em conflito e procure conscientizar os alunos de que a linguagem é uma forma de atuar, influenciar e intervir no comportamento alheio e de interagir com os seus semelhantes.

O professor tem um papel fundamental no ensino de gêneros textuais. É ele quem pode investigar o conhecimento prévio dos alunos, fazer intervenções e associações com suas vivências culturais e sociais. O principal documento norteador da prática do professor, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), indica diretrizes metodológicas nesse viés, a saber:

[...] para além da memorização de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho. (PCN, 1998 p.55)

No entanto, a defasagem no processo de ensino-aprendizagem dos gêneros textuais não pode ser resolvida exclusivamente com uma mudança na grade curricular. Essa problemática envolve questões didáticas e metodológicas que só podem ser respondidas no âmbito escolar e dentro da sala de aula. É um desafio, portanto, criar parâmetros que sejam destinados a atender a diversidade existente no país, uma vez que essa questão deve ser analisada e assimilada pelos professores de cada instituição, que, por sua vez, conhecem seu público e o meio sócio cultural no qual se inserem.

Trabalhar gêneros textuais é fundamental na formação de um ser humano ativo e pensante. Nossa pesquisa relacionada a gêneros textuais trabalhados em sala de aula foi desenvolvida em duas Escolas Estaduais da rede pública, localizada no município de Taboão da Serra e Embu das Artes. Analisamos aspectos do processo de ensino/aprendizagem que envolve alunos do 6º ano do Ciclo II do Ensino Fundamental com faixa etária entre 11-12 anos em duas Escolas Estaduais da rede pública. E porque apenas escolas públicas? Tivemos uma resistência por parte dos diretores, tanto nas escolas públicas, quanto nas escolas particulares que visitamos, quando falávamos da nossa pesquisa, os diretores não autorizavam a nossa entrada na instituição, dessa forma percebemos o quanto é difícil realizar uma pesquisa de campo.

Encontramos duas diretoras que concordaram com a nossa pesquisa, uma, a diretora da E. E. Doutor Reynaldo do Nascimento Falleiros, e outra, da E. E. Parque Jane II, ambas situadas no estado de São Paulo. E porque 6º ano? Entendemos que os alunos que chegam na 5ª Série- 6º anos já são alfabetizados, são autônomos e traz consigo uma bagagem sobre gêneros, adquirida nas séries iniciais do ensino Fundamental I.

Sabemos que tais alunos passam por um momento de muitas mudanças. Enfrentam um período delicado de suas vidas. Seu corpo passa por grandes transformações físicas e emocionais. Além das mudanças biológicas, inicia-se um novo ciclo pedagógico: o ciclo II do Ensino Fundamental. Nessa nova etapa, deixam a sala de um professor polivalente para interagir com vários docentes especialistas, que, muitas vezes, estão demasiadamente preocupados com extensos conteúdos a serem ministrados.

Acrescente-se a isso o fato de ainda haver algumas crianças que apresentam problemas de alfabetização relacionados à aquisição da leitura e escrita, fato que leva os estudantes a apresentarem maiores dificuldades de acompanhamento do que é proposto a partir de então.

O professor precisa, assim, ter sensibilidade para entender e compreender essas mudanças e os reflexos delas. Para promover uma aprendizagem significativa, é preciso que o professor conheça bem os personagens dessa jornada anual, o que pode ser feito por meio da avaliação realizada no início do ano e repetida sempre que necessário. É importante também conhecimento para guiar a prática em sala de aula, de forma que possa contribuir para a formação de

cidadãos autônomos e críticos, capazes de ler e interpretar, produzir e de serem entendidos.

As práticas e as culturas escolares levam alguns professores a não estimularem a produção individual e subjetiva do aluno. Os temas exigidos são limitados e, em sua maior parte, não pertencem ao universo social do qual o discente faz parte. Além disso, os gêneros são ensinados de forma mecânica, pois o aluno apenas memoriza o significado e a definição teórica de um determinado gênero, mas não compreende e nem identifica elementos, como: saudações, datas, vocativo e outras marcas características contidas nos gêneros textuais.

Os gêneros textuais são demasiadamente relevantes para o ensino de português e devem ser trabalhados diariamente em sala de aula desde os primeiros anos de escolarização, uma vez que devemos alfabetizar e letrar.

Sendo assim, o ensino de gêneros precisa fazer parte do cotidiano do aluno. Deve-se possibilitar aos estudantes a oportunidade de produzir e compreender textos de maneira adequada a cada situação de interação comunicativa, como, por exemplo, escrever um bilhete a um amigo, uma carta a um jornal, um e-mail a um professor, ou um acontecimento do bairro para um mural da escola. Essas práticas, a partir de atividades corriqueiras e comuns, podem ser mais produtivas. Afinal, os gêneros apresentam um objetivo, um público alvo e um motivo para serem escritos. No entanto, mesmo considerando a grande variedade e as diferenças entre eles, uma maior diversidade de gêneros devem ser ensinados. Porém, cabe ao professor, orientado pelos documentos oficiais, decidir quais são os gêneros prioritários a serem ensinados, levando em consideração as necessidades da comunidade que atende. Além disso, o docente deve procurar, na medida do possível, sempre associá-los ao mundo cultural de quem aprende. Coscarelli (2007) assegura que:

A ideia de trabalhar com os gêneros na escola surgiu da necessidade de trazermos o contexto, ou seja, a situação de produção e recepção daquele texto, para a sala de aula. Quem escreve precisa saber para quem está escrevendo, o que quer dizer e com que objetivo está escrevendo. Muitas vezes, entender um texto isoladamente, julgar a qualidade do texto fora do contexto em que ele foi produzido e da situação na qual ele será lido é quase impossível. O poema "HappyEnd" escrito por Cacaso, por exemplo, só é entendido como um poema no contexto em que ele é publicado. (COSCARELLI p.81, 2007)

É necessário que os docentes estejam cientes da importância social que tem a leitura, sendo ela um instrumento de aprimoramento humano e libertação, cuja conquista depende do incentivo da escola para ser adquirido. O professor colabora para que o aluno entre em contato com os diferentes gêneros discursivos e tenha a oportunidade de se apropriar dessas ferramentas e, com isso, tenha também a oportunidade de atingir uma formação crítica tão necessária para a construção da cidadania.

Os gêneros textuais são as estruturas com as quais se compõem textos, sejam eles orais ou escritos. Essas estruturas são socialmente reconhecidas, pois se mantêm sempre muito parecidas, com características mais comuns em relação à linguagem e ao conteúdo propriamente dito. Os gêneros textuais atingem intenções comunicativas semelhantes e que ocorrem em situações específicas;

eles se constituem de diferentes características, modelos e finalidades. Marcuschi (2003) define gêneros como:

[...] fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (MARCUSCHI, 2003, p.1)

O trabalho com gêneros textuais é relevante para o ensino de português e constitui um importante eixo da formação cidadã do educando, pois apresenta uma função de extrema importância no ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que, a partir do desenvolvimento da sua competência leitora, esse aluno poderá tornar-se hábil em todas as disciplinas. E essa competência, por sua vez, será construída pelas práticas de leitura presentes dentro da sala de aula. Dessa forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) para o Ensino Fundamental reforçam que:

No processo de ensino e aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania. (PCN, 1998, p. 32)

Além dessa perspectiva, é mediante a leitura que a criança conseqüentemente desenvolve estratégias de compreensão, interpretação e é capaz de diferenciar e apreciar os diversos tipos de textos e também reconhecer inúmeras possibilidades estéticas da linguagem. É esperado ainda do professor que esteja preparado para lidar com problemas e defasagens que muitos discentes trazem consigo desde o primeiro ano escolar.

O professor de Língua Portuguesa deve ter um grande repertório de leituras, para fazer boas escolhas de acordo com a turma e a faixa etária. Essa leitura carrega uma bagagem, que representa o mundo e a vida através das palavras, proporcionando a formação de um ser pensante e ativo perante a sociedade, capaz de descobrir o prazer através da leitura.

1. O QUE FALAM OS PCNS

A escola deve contribuir fundamentalmente na formação de toda e qualquer criança. É importante o educador elaborar estratégias, partindo do pressuposto da realidade do aluno para desempenhar a função do papel social da escrita e da leitura, para favorecer sua utilização dentro e fora do ambiente escolar, mas não um aprendizado meramente mecânico e sim um aprendizado com compreensão e sentido. Um aprendizado que colabora com a aquisição de conhecimentos e possibilita a formação de leitores/escritores, críticos e reflexivos, conscientes na sociedade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) salientam:

Nessa perspectiva, não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos, letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases, que,

descontextualizados, são normalmente tomados como exemplo de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto. Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (PCN, 1998, p. 23)

A análise dos PCNs pelo corpo pedagógico das escolas, com o intuito de colocar em prática as diretrizes propostas, torna-se fundamental para que a instituição de ensino não se restrinja a uma metodologia mecanizada para transmitir os saberes e conteúdos de uma forma geral. Muitas vezes, os educandos memorizam definições sem compreenderem o seu uso e não reconhecem que os gêneros são ferramentas fundamentais para a comunicação. Schneuwly; Dolz (2011) afirmam que:

A escola é tomada como autêntico lugar de comunicação, e as situações escolares, como ocasião de produção/recepção de textos. Os alunos encontram-se, assim, em múltiplas situações em que a escrita se torna possível, em que ela é mesmo necessária. Mais ainda: o funcionamento da escola pode ser transformado de tal maneira que as ocasiões de produção de textos se multiplicam: na classe, entre alunos; entre classes de uma mesma escola; entre escolas. Isso produz forçosamente, gêneros novos, uma forma toda nova de comunicação que produz as formas lingüísticas que a possibilitam. (SCHNEUWLY, DOLZ, 2011, p.66 e 67)

Os professores têm se preocupado em propor temas delimitados, porém, muitas vezes, são temas distantes da realidade do aluno, fato que dificulta a produção criativa. O ideal é possibilitar o acesso a um acervo diversificado de gêneros, como afirma Brandão (2001, p. 40 apud, Nascimento 2009, p.5):

Ensinar a língua é desenvolver a competência comunicativa do educando e, considerando o texto como uma unidade de comunicação, para nós, o aluno deve ser exposto a diferentes tipos de texto e de gêneros discursivos para apreender o que os caracteriza em suas especificidades e naquilo que os identifica. (BRANDÃO, 2001, p. 40 apud, NASCIMENTO 2009, p.5)

Para se trabalhar com gêneros, é preciso que o aluno compreenda e vivencie o uso da língua como instrumento social e cultural. Ao invés de apenas memorizar elementos de um e-mail, por exemplo, pode-se propor que o elabore um com um fim social, para um colega de classe, um parente ou um vizinho. Para a autora Bortoni- Ricardo (2013):

O foco da questão no momento do planejamento é identificar textos significativos para o aluno e para sua comunidade; considerar o aluno como sujeito portador de discurso, portador de texto, que participa de eventos de letramento, realiza práticas que dependem da língua, mesmo antes de entrar na escola. Um evento de letramento (atividade que envolve o uso da língua escrita) não se diferencia de outras atividades da vida social. (BORTONI-RICARDO 2013, p. 128 e

Se a comunicação se realiza por intermédio dos textos, deve-se possibilitar aos estudantes a oportunidade de produzir e compreender textos de maneira adequada a cada situação de interação comunicativa. É fundamental, portanto, que os estudantes compreendam que textos não são somente aquelas escritas tradicionais com a qual se trabalha na escola, mas que os textos são produzidos diariamente em todos os momentos em que nos comunicamos, tanto na forma escrita como na forma oral. Santos (2001) salienta que:

É de suma importância o professor trabalhar os diversos tipos e gêneros que fazem parte do cotidiano, para que os alunos possam compreender que o texto é construído diariamente nos momentos de comunicação tanto escrito quanto oralmente, e não apenas as formas com a qual a escola vem trabalhando – descrição, narração e dissertação. (SANTOS, 2001, p.7)

O domínio de recursos linguísticos é fator importante e influencia na elaboração de textos de qualidade, assim, trabalhar a ortografia e gramática é relevante, mas trabalhar gêneros textuais também é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois, no contato com os textos, não se pode ignorar o acesso às concordâncias e exigências gramaticais e ortográficas.

O ensino de língua portuguesa deve substituir a didática predominante voltada à memorização, com exercícios de fixação, nos quais o discente é estimulado e cobrado pela reprodução e não pela reflexão e produção individual:

É papel do professor apresentar e trabalhar com os alunos os tipos (e os gêneros textuais que fazem parte do cotidiano. É fundamental que os estudantes compreendam que texto não são somente aquelas composições escritas tradicionais com a qual se trabalha na escola – descrição, narração e dissertação – mas sim que o texto é produzido diariamente em todos os momentos em que nos comunicamos, tanto na forma escrita como na oral. (CALDAS, p.3 apud Santos, 2011, p.13)

Como já foi citado, existe uma grande diversidade de gêneros textuais, como definem os PCNs, e todo o texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, os quais geram usos sociais que os determinam (PCNs, 1998, p.21).

Assim, quando o docente consegue explorar a diversidade de gêneros, promove a aproximação do aluno com a realidade em que vive. Com isso, o aluno passa a compreender que exercitar gêneros textuais em sala de aula é fundamental à comunicação e que, portanto, gêneros textuais são ferramentas sociais e culturais necessárias à interação. Os PCNs afirmam ainda que:

(...) nas inúmeras situações sociais de exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola – a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões – os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) a medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e escuta, em contextos públicos,

difícilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (PCNs 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, 1998, p.25)

Nessa perspectiva de rompimento com aulas conteudistas, pode-se destacar que gêneros textuais não devem ser trabalhados como uma matéria isolada, na qual o aluno memoriza características e extensas definições.

Não precisamos conhecer todos os gêneros textuais. Há gêneros para ler e gêneros para escrever, para ouvir, para falar. A maioria das pessoas não precisa saber escrever bula de remédio, mas a maioria delas precisa saber ler bulas. Precisamos saber onde encontrar informações de que precisamos [...]. (COSCARELLI, p.83 apud SANTOS, 2011, p.7)

Schneuwly; Dolz (2011) asseveram acerca da espontaneidade com que os gêneros surgem e acreditam que eles não podem ser ensinados, e sim vivenciados e experimentados, pelas atividades de contato com textos que a escola oferece.

A situação de comunicação é vista como geradora quase automática do gênero, que não é descrito, nem ensinado, mas aprendido pela prática da linguagem escolar, por meio dos parâmetros próprios a situação e das interações com outros. A naturalização é aqui outra ordem: o gênero nasce naturalmente da situação. Ele não é, assim, tratado como tal, não é descrito, nem menos ainda, prescrito, nem tematizado como forma particular que toma um texto. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2011, p.67)

É justamente isso que o corpo pedagógico escolar precisa tomar como desafio: o ensino que pode ser aplicado nas situações sociais corriqueiras. O aluno precisa compreender que os textos apresentam um conjunto de elementos, que o autor tem uma finalidade ao escrevê-lo e que tem em mente, também, um público leitor a quem destina o texto, para entenderem o que está nas entre linhas no texto que estão lendo. Diante disso, é preciso preparar os educandos para compreender e produzir seus próprios textos:

Ao explorar a diversidade textual, o professor aproxima o aluno das situações originais de produção dos textos não escolares. Essa aproximação proporciona condições para que o aprendiz compreenda o funcionamento dos gêneros textuais, apropriando-se, a partir disso, de suas peculiaridades, o que facilita o domínio que deverá ter sobre eles. Além disso, o trabalho com gêneros contribui para o aprendizado de prática de leitura, de produção textual e de compreensão. (CALDAS, p.4 apud SANTOS, 2011, p.12)

É muito comum que a produção de texto seja considerada uma tarefa difícil e árdua para maioria dos estudantes. Isso ocorre porque a produção é vista como um instrumento avaliativo, e, com isso, o discente preocupa-se em atender às expectativas do professor e atingir uma determinada nota. Todavia, a produção deve abrir espaço para a escrita pessoal, na qual o aluno use criatividade, sem delimitações, ou seja, para que seja capacitado a escrever para leitores, ainda que fictícios, e que, na posição de autor, possa escolher o assunto sobre o qual quer discutir ou expor. De acordo com os PCNs (2001):

Ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. Fora da escola escrevem-se textos dirigidos a interlocutores de fato. Todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender. (BRASIL, 2001, p. 34)

Os PCNs sugerem, portanto, o trabalho com textos reais, de circulação cultural e social, para que o aluno seja capaz de produzir textos de forma autônoma e ativa perante a sociedade, com capacidade de discutir pensamentos e confrontar ideias, e não apenas reproduzir estereótipos de gêneros.

Na Escola Estadual Doutor Reynaldo do Nascimento Falleiros, município de Taboão da Serra, São Paulo, e na Escola Estadual Parque Jane II, município de Embu das Artes, também situada na cidade de São Paulo, desenvolvemos a pesquisa de campo, na qual a primeira pergunta para os professores refere-se à metodologia usada por eles para ensinar gêneros. Por trás deste questionamento, está a finalidade de analisarmos, com base em leituras acadêmicas, se a postura adotada contempla o ensino dos gêneros de forma significativa e coerente capaz de proporcionar uma aprendizagem significativa.

Na segunda questão, investigamos quais os gêneros já foram abordados por esses professores até o momento, com intuito de descobrirmos a quantidade de textos que os alunos já exploraram e tiveram acesso. Pesquisamos também como os textos são escolhidos, se eles partem de necessidades, vivências e escolhas do grupo e se assumem papéis sociais depois de produzidos.

Na apresentação da pesquisa aos discentes, observamos uma preocupação por parte deles, ficaram apreensivos se conseguiriam responder de maneira “correta”. As perguntas referiam-se ao conhecimento dos alunos sobre gêneros textuais, suas produções e leituras e o reconhecimento delas como gêneros textuais.

As duas escolas colaboraram para a conclusão da pesquisa na qual os professores se prontificaram a responder às questões e demonstraram interesse em ajudar no desenvolvimento da investigação, indicando uma sala do sexto ano para que pudéssemos dar continuidade ao processo investigativo.

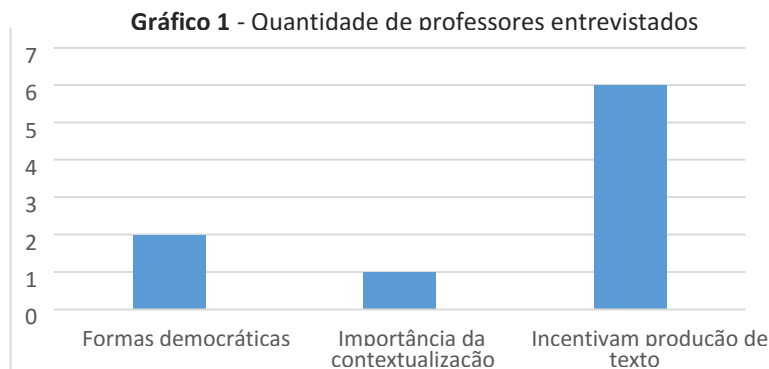
Dessa maneira, não tivemos respostas negativas da parte gestora, docente e nem discente. Foi um trabalho gerador de resultados, tais como a possibilidade de confrontar bases teóricas com vivências e conhecer o universo discente em relação aos gêneros.

Foram realizadas entrevistas com 10 professores e 26 alunos do sexto ano de duas escolas periféricas da cidade de São Paulo. O objetivo foi conhecer como se dá o processo de ensino aprendizagem e o que ambos sabem sobre os gêneros textuais, visando reconhecer e encontrar as possíveis causas das dificuldades metodológicas e didáticas e o que poderia ser feito para melhorarmos as produções textuais e leitura.

2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na Escola Estadual Doutor Reynaldo do Nascimento Falleiros, foram realizadas entrevistas com seis professores de Língua portuguesa e 13 alunos. A primeira pergunta feita aos docentes dizia respeito à metodologia usada. O terceiro entrevistado reconhece a importância de utilizar o conhecimento prévio do aluno e, a partir daí, propor produções textuais e incentivar a prática leitora. O segundo entrevistado, contudo, já mostra uma visão mais tradicionalista, utilizando apostilas como principal eixo de trabalho. Tivemos acesso as apostilas que sugerem o trabalho dos gêneros textuais em sala, porém o professor precisa buscar outras fontes para complementar tal material, uma vez que os gêneros aparecem de forma superficial sem nenhuma contextualização.

Todos os professores entrevistados afirmaram que incentivam a produção textual. O primeiro entrevistado declarou usar formas democráticas para escolherem os temas, dando oportunidade para que o aluno escolha e escreva sobre o que tem interesse e faz parte do seu mundo cultural e social. O segundo entrevistado, também é democrático, ele afirmou dar ênfase para as correções que vão possibilitando que o aluno se familiarize com os textos. Apenas o terceiro entrevistado falou sobre a importância da contextualização do gênero. Abaixo o gráfico com as quantidades:



Fonte: Autoria própria (2015)

Em relação à funcionalidade social dos textos, o primeiro e o terceiro entrevistado expõem as crônicas e outras produções textuais dos alunos, o terceiro afirma que as produções “geralmente são expostas no mural de escola, onde são lidos por toda a comunidade escolar”. A exposição no mural da escola é apenas uma forma de dizer que os textos dos alunos estão circulando, pois poucas pessoas observam e leem que nele está exposto. O segundo entrevistado fala sobre textos cotidianos e vivências, mas ele não descreve com clareza se já usou os textos dos alunos com objetivos para além da sala de aula.

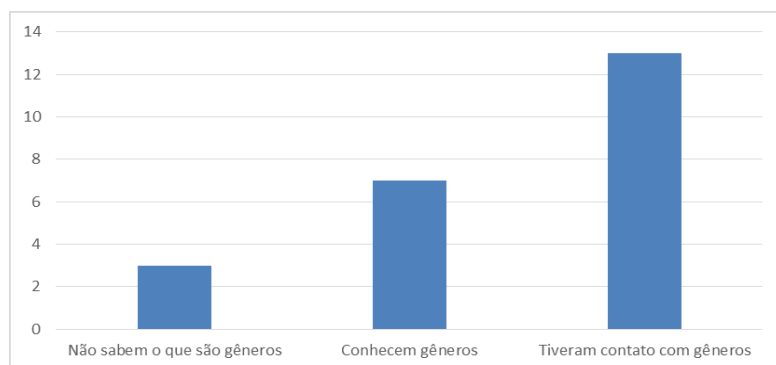
Foram entrevistados treze alunos, perguntamos sobre o que conhecem acerca de gêneros. O primeiro, o segundo e o décimo segundo aluno entrevistado, não sabem o que é, os outros arriscam palpites com respostas afirmativas.

Na segunda questão: “Você já leu algum texto e o reconhece como tipo de Gênero textual? Qual ou quais?” O quinto, o sexto, o sétimo, o oitavo, o nono, o décimo e o décimo terceiro entrevistado afirmaram terem lido algum tipo de gênero textual. Os gêneros citados são: bilhetes, histórias em quadrinhos, crônica,

fábula, romance e poemas, e a maioria desses alunos já produziu algum tipo de gênero textual.

Na questão de múltipla escolha, todos os alunos da Escola Estadual Doutor Reynaldo, responderam que já tiveram algum tipo de contato com vários gêneros textuais. Mas percebemos uma limitação na quantidade de textos. Eles não têm acesso à variedade de leituras e produções, a despeito do que afirma Brandão (2001, p. 40 apud, NASCIMENTO 2009, p.5) sobre a importância de trabalhar com a diversidade de gêneros. Eles são importantes instrumentos para aprendizagem, pois “o trabalho com gêneros contribui para o aprendizado de prática de leitura, de produção textual e de compreensão.” (CALDAS, p.4 apud SANTOS, 2011, p.12) Abaixo, o gráfico representando a quantidade de alunos:

Gráfico 2 – Quantidade de alunos entrevistados



Fonte: Autoria própria (2015)

Na Escola Estadual Parque Jane II, foram entrevistados treze alunos e quatro professores de língua portuguesa, que trabalham com o sexto ano.

A primeira questão destinada aos professores, é a seguinte: qual é a sua metodologia para ensinar gêneros textuais? Como eles são ensinados? Os professores descrevem suas metodologias, sendo: o livro didático, leitura e atividade (não relatam quais são os tipos).

Na segunda pergunta: “Quais gêneros já foram trabalhados até o momento?” os professores citam os gêneros que já trabalharam sendo: fábula, crônica, conto, piada, bilhete, história em quadrinhos e receitas culinárias.

Na questão seguinte, investigamos sobre o incentivo a produção textual. “Você incentiva a produção de texto, visando o conhecimento e reconhecimento de gêneros textuais? Como os temas ou os gêneros são escolhidos?” Todas as respostas dos entrevistados foram afirmativas, mas notamos que eles estão “presos” apenas ao material didático.

Notamos que os quatro professores entrevistados realizam um trabalho voltado para a leitura e interpretação de textos, porém acreditamos que não há contextualização, nem expansão do gênero trabalhado.

O segundo professor entrevistado fala sobre a dependência e a falta de autonomia dos alunos, afirmam que não são capazes de escolherem algum tema para produzirem. Mesmo reconhecendo a importância de trabalharos gêneros textuais, não estimula os alunos a produzirem independentemente.

Na quarta e última, perguntamos sobre funcionalidade social do ensino de gêneros textuais. O primeiro, o terceiro e o quarto entrevistado responderam

“não”, que a produção está ligada ao registro no caderno e a questões avaliativas, sendo que o quarto entrevistado fala sobre as dificuldades de os alunos produzirem textos coerentes, e apenas o segundo entrevistado responde que expõe as produções.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais falam sobre a dificuldade de se ensinar a produzir textos fora da realidade. Essa tarefa torna-se mais fácil quando se pode experimentar situações reais, escrevendo para interlocutores e com assuntos cotidianos. Diante desses dados, entende-se que esses docentes não usam a bagagem cultural que o aluno tem como método de trabalho e como ponto de partida para conhecimentos e práticas sociais.

Foram entrevistados treze alunos, dos quais dez discentes responderam que não sabem ou não lembram o que são gêneros textuais. Na segunda questão, investigamos se os alunos reconheciam algum texto como gênero textual, pedimos também para citar qual o gênero textual haviam reconhecido em determinado texto, muitos discentes afirmam que não conhecem, e os outros citam apenas um.

Dentre os fatores preocupantes, está que nove alunos entrevistados responderam que não produziram nenhum tipo de gênero textual. Diante da observação da questão de múltipla escolha, percebemos que alguns alunos tiveram acesso a apenas três tipos de gêneros textuais. O que mais percebemos é que mais gêneros foram trabalhados, porém eles não foram contextualizados.

Diante dessa pesquisa realizada, compreende-se, a partir dessa amostra, que os alunos dessa escola têm vivenciado poucos momentos significantes de leitura e produção textual. Isso pode ser notado de acordo com a entrevista do quarto professor entrevistado que tem como principal instrumento de trabalho o livro didático, ficando preso às análises gramaticais e às nomenclaturas. O PCN afirma que o professor deve usar o texto como unidade básica de ensino, pois formas descontextualizadas e desconexas de memorização, repetição e elementos fragmentados não contribuem para formação estrutural da competência discursiva. (PCN, 1998).

O livro didático deve sim ser um instrumento de trabalho, porém não deve ser o único. Nesse sentido, cabe ao professor entender que o livro didático é apenas um ponto de partida para as descobertas, e essas podem ser baseadas nas relações sociais e culturais que o aluno estabelece com o mundo. No entanto, os autores Viana e Giacon (2014) afirmam “que o professor deve se preocupar no momento do planejamento em buscar textos significativos que façam parte da cultura na qual os alunos estão inseridos”.

A pesquisa apresentou dados que divergem dos autores relacionados e do PCNs, pois ambos propõem uso de textos com fins sociais e que não sejam usados apenas como instrumentos avaliativos, o que não ocorre nas duas instituições onde realizamos a pesquisa.

As expectativas acerca da pesquisa de campo consistiam em analisar a práxis dos professores em sala, de modo a confrontá-la com estudos acadêmicos sobre como os docentes têm proporcionado momentos de produção e leitura diversificados aos alunos de sexto ano. Nesse contexto, a hipótese que sustentávamos era a de que os professores estivessem engajados e comprometidos com o desenvolvimento da habilidade de leitura e de escrita para exercício das funções sociais e cidadãs, a que somos expostos diariamente. Essa

hipótese considera como premissa que o professor compreenda a necessidade de uma formação global do estudante, de modo a não retringí-la a um número restrito de conhecimento ou de conteúdos distantes da sua realidade.

Com base nas leituras realizadas, esperávamos que os professores estivessem mais comprometidos com o ensino de gêneros textuais, mas notamos que a maioria dos professores entrevistados não elaboram estratégias, partindo do pressuposto da realidade do aluno para desempenhar a função social do texto escrito e favorecer sua utilização dentro e fora do ambiente escolar. Percebemos também que o ensino dos gêneros textuais, além de ser limitado, não tem nenhuma contextualização com as vivências do alunado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar essa pesquisa, procuramos entender como os professores de língua portuguesa desenvolvem as atividades sobre gêneros e como eles são abordados nas salas do sexto ano. Investigamos as práticas de leitura e produção, com a finalidade de entender quais são os caminhos mais coerentes e acertivos para se ensinar.

Relacionamos a pesquisa da fundamentação teórica com a pesquisa de campo que realizamos nas duas instituições de ensino, e, percebemos que os gêneros textuais ainda não são produzidos em quantidade (e qualidade) suficientes para atingirem objetivos sociais e preparar o aluno para situações de comunicação. Isso ocorre porque os professores seguem livros e materiais apostilados, limitando o conhecimento dos estudantes à variedade de gêneros textuais existentes apenas no material didático utilizado.

Em consequência disso, os alunos do sexto ano conhecem poucos gêneros. Isso comprova que eles têm estudado conteúdos nas aulas de língua portuguesa as quais não privilegiam textos importantes para o seu cotidiano, muito embora já tenham produzido uma pequena quantidade de textos. Assim, percebemos que esses educandos não estão tendo acesso a subsídios que privilegiam a aprendizagem dos gêneros textuais.

Com base nesse levantamento, percebemos a necessidade de mudança na abordagem destinada ao ensino de gêneros textuais adotada pelos professores. Em linhas gerais, pautar sua práxis num viés que considere tanto o conhecimento prévio do estudantes, quanto o contexto linguístico e social no qual está inserido, possibilitando que o docente opte por caminhos que facilitem a aprendizagem significativa e não o conhecimento “bancário”. Os docentes devem buscar especializar-se, com formação continuada, seminários, congressos, grupos de estudo e pós-graduação.

Diante das descobertas acadêmicas e da pesquisa de campo, observamos que os resultados quanto à produção e ao conhecimento de gêneros por parte dos alunos revelou um baixo rendimento, ou seja, existe uma defazagem no ensino dos gêneros textuais em sala. Sugerimos que os professores reflitam sobre quais objetivos querem atingir. E esta pesquisa servirá como material de sugestões sobre práticas propostas por grandes conhecedores do assunto e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Text genres: brief analysis of the sixth grade text production from suburb elementary school students in the city of São Paulo

ABSTRACT

This paper aims to analyze the approach given to text genres in the classrooms of the sixth grade of a primary school on the outskirts of São Paulo. The methodology explanation from various authors including Schneuwly, Dolz (2011), Geraldi (2003), Marcuschi (2003) and the viewcurricular bases described in the National Curriculum Parameters (PCN). It will be considered literary scientific and the field researches, in order to indicate methodological and didactic guidelines for teachers. The observation of practice in schools and how its agents have been dealing with the textual production and, especially, if there is any contribution to the formation of a citizen who dominates the writing and reading. The discussion will approach the importance of writing as a subject of reflections about social problems and not simply as a source of credit for school skill. The analysis will also help with aids and teaching tools to facilitate the teaching-learning process.

KEYWORDS: Text genres. National curriculum parameters. Teaching-learning process.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Língua Portuguesa. Brasil. DF. 2001.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **PCN**: língua portuguesa. MEC, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. Brasília, 1998.

COSCARELLI, Carla Viana. **Gêneros textuais na escola**. Disponível em: <http://jottaclub.com/wp-content/uploads/2015/04/G%C3%AAnerosTextuais-21.pdf>. Acesso em 29 ago. 2015.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: Teoria e Prática. São Paulo: Contexto, 2009.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2003.

GIACON, Eliane Maria de Oliveira; VIANA, Luciane Zaida F. da S. **A ruptura do processo ensino-aprendizagem de língua portuguesa no 6º ano**: uma experiência de sala de aula. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/03/023.pdf. Acesso em 07 jun. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais 1: definição e funcionalidade.** Disponível em: http://www.uems.br/site/nehms/arquivos/53_2014-04-04_12-17-14.pdf. Acesso em: 06 nov. 2014

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira. **Uso dos gêneros textuais no ensino fundamental: ainda um desafio para os professores.** Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/uso_dos_generos_textuais_no_ensino_fundamental_ainda_um_desafio_para_os_professores.pdf. Acesso em 29 ago. 2015.

SANTOS, Andrezza Santos dos. **Os gêneros textuais nas salas de aula: a reportagem.** Disponível em: http://fals.com.br/revela14/artigo4_revelaxi.pdf. Acesso em 06 nov. 2014.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos escola.** Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

Recebido: 23 set. 2017

Aprovado: 03 set. 2019

DOI: 10.3895/rl.v21n34.7110

Como citar: SOUSA, Eliene Ferreira; FAGUNDES, Edson Domingos. Gêneros textuais: breve análise do processo de ensino-aprendizagem de alunos e professores do sexto ano do ensino fundamental de escola periférica da cidade de São Paulo. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 34 p. 83-98, set. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

